

**Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções:
costumes e tradições do ritual de cura pela fé¹**

Vanda Cunha Albieri Nery²
Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG

Resumo:

Apesar dos avanços verificados na medicina, as práticas de benzeções não ficaram enterradas no passado nem foram totalmente substituídas pelos preceitos científicos. Acreditando ou não no poder da reza, tem sempre aqueles que procuram nas benzeções, uma cura para a sua doença. O que é esta prática religiosa tão permeada em nosso cotidiano? Que maneira é esta de resolver problemas tão fincados na solidariedade, tão diferentes da cultura dominante? O que significa benzer? Por meio de observação direta e de entrevistas informais realizadas com benzedores da cidade de Uberlândia/MG, e entendendo a folkcomunicação como a comunicação em nível popular, busco descrever como se dão as benzeções, procurando entender essas manifestações folclóricas como a linguagem de um povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, tantas vezes discordante do pensar e do sentir da cultura oficial e dominante.

Palavras-chave: folkcomunicação, benzeção, religiosidade popular

Introdução

Quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída, erisipela, vento virado, peito arrotado. Quem quer que percorra os povoados da zona rural, as pequenas cidades do interior ou mesmo as periferias das grandes cidades vai se deparar, em um momento ou outro, com alguns desses nomes que fazem parte de um mundo mágico-religioso, povoado de rezas, crenças, simpatias e benzeções.

Na cultura popular, corpo e espírito não se separam, tampouco desliga-se o homem do cosmos, ou a vida da religião. Para todos os males que atingem o corpo e a alma do homem sempre há uma reza para curar. É por isso que, apesar do tempo e dos avanços da medicina, a tradição dos benzedores ainda persiste na nossa moderna sociedade capitalista. Acreditando ou não no poder da reza, tem sempre aqueles que procuram, nas rezas e nas benzeções, uma cura para a sua doença ou um alívio para a sua dor.

¹ Trabalho apresentado ao NP Folkcomunicação do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP e professora do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário do Triângulo onde também coordena o Comitê de Ética em Pesquisa.

Mas o que é esta prática religiosa tão permeada em nosso cotidiano? Que maneira é esta de resolver problemas tão fincados na solidariedade, tão diferentes da cultura dominante? O que significa benzer? No sentido dicionarizado, benzer significa “fazer o sinal da cruz sobre pessoa ou coisa, recitando fórmulas litúrgicas para consagrá-la ao culto divino ou chamar sobre ela o favor do céu, abençoar.” Em outras palavras, o ato da bênção é um ato de súplica, de imploração, de pedido insistente aos deuses para que eles se dispam dos seus mistérios e se tornem mais presentes, mais concretos, para que tragam boas novas, produzindo benefícios aos mortais. A bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente (Oliveira, 1985).

Diz a tradição que o ato de benzer, ou de curar, é a ritualização das coisas da fé, onde muitas vezes se misturam o sagrado e o profano. Herança dos portugueses que ao chegarem ao Brasil sofreram influências dos índios e, posteriormente, dos africanos, sobretudo as mulheres. O conhecimento das plantas medicinais da colônia, dominado pela cabocla e pela mulata, unido ao das plantas medicinais trazidas pelos portugueses, foi sendo repassado de geração em geração, originando o costume de curar doenças por meio de recursos naturais. Daí a procura pelas rezadeiras para fazer chás, simpatias, rezas e benzeções – uma solução eficaz para solucionar os problemas de saúde para as classes mais desfavorecidas.

Por isso, a grande mistura que há. Cada benzedor tem a sua própria forma de benzer, porque a cada um foi dado um dom para curar. Um dom que se traduz na fé, aprendida com seus antepassados e de onde aprenderam a ver o mundo que os cerca. Rezadores, benzedores e curadores estabelecem com a comunidade um sistema próprio de comunicação que está além da comunicação oficial da mídia de massa, através de seus cantos, gestos, rezas e orações, que refletem vigorosamente a mais pura expressão das classes menos cultas e mais carentes da população.

Entendendo a folkcomunicação como a comunicação em nível popular, como queria Beltrão (2001), pretendo mostrar não apenas o que essas pessoas pensam, mas como pensam, como interpretam e organizam o mundo, conferindo-lhe significado e lhe infundindo emoção.

Por meio de observação direta e de entrevistas informais realizadas com benzedores da cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, busco descrever como se dão as rezas e as benzeções, procurando entender essas manifestações folclóricas como a linguagem de um povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, tantas e tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir da cultura oficial e dominante.

A fé que vem da oração

A oração é o alimento da alma. Através dela, a alma se fortalece e fica mais próxima de Deus. Na religiosidade popular, quem trata o doente são os benzedores mas qualquer cura é uma obra de Deus pois foi “o próprio Jesus quem ensinou as orações.” Boa parte delas serve para curar doenças. Muitas para o quebranto. Outras tantas para engasgo, dor de pontada, copleiro, dor dente e muitas outras. Algumas orações não podem ser reveladas, como aquelas rezadas contra os inimigos ou para fechar o corpo pois os benzedores temem que, revelando o segredo, elas “possam perder o encanto.” Outras são preventivas, como a oração de São Bento “pra cobra não ofender.” A simplicidade dos versos emoldura a expressão da fé, oração que é poesia e é palavra evocatória de cura e proteção. Oração que sempre evoca os perigos para pedir proteção, que lembra a morte para implorar a vida, que pede perdão para alcançar a salvação. É assim que pensam os benzedores.

Todos concordam que é preciso ter muita fé para abençoar outras pessoas. Como o benzedor Aldoresti José Rosa, aqui de Uberlândia, que descobriu seu dom aos 18 anos e hoje tem 70. Ele garante que a pessoa que está recebendo a benção não precisa ter fé, porque os que mais precisam são aqueles que não acreditam. Para ele, “a cura depende mais da preparação espiritual da pessoa que está fazendo a prece.” Do benzedor, sim, exige-se muita fé. Ao contrário de Aldoresti, no entanto, muitos benzedores afirmam que todos precisam ter fé. “Os pais levam seus filhos ou procuram um benzedor porque têm fé, mas há aqueles que fazem isso apenas por tradição, sem nem sequer acreditar no poder da oração.” Nesses casos, eles afirmam, a benzeção não funciona pois é preciso ter fé para ser curado.

A fé na cura, que é um dom divino, a fórmula da benção e a confiança da comunidade naquele que benze são os três elementos essenciais para compreender o povo e o benzedor. Praticamente nenhum benzedor fala de sua “carreira” enquanto uma escolha pessoal. Ele é

escolhido de Deus e essa escolha é revelada na descoberta do seu dom. Daí a razão dele não precisar de estudos: seu saber é revelado e o poder da cura lhe é dado por Deus. Por ter esse dom, ele sempre pode aprender alguma nova reza.

O benzedor não faz propaganda de seu trabalho. Ele se torna conhecido da comunidade por causa da cura das pessoas que atende e é sempre procurado por pessoas da sua comunidade. Não existe benzedor sem que haja uma comunidade que busque suas orações. Quando um benzedor morre, as pessoas do lugar procuram um outro que possa curar os seus males. “É a comunidade que faz o benzedor”, eles acreditam.

O benzedor homem é procurado em especial para rezar em “ofendido de bicho mau”, para tirar cobras de uma fazenda, para curar a picada de cobra, para estancar sangue numa ferida ou para curar bicheiras em animais.

A benzedora reza em males que acometem as crianças e os adultos. Estudos realizados em Minas Gerais, mostram que a benzeção é uma prática desenvolvida sobretudo pelas mulheres: “A presença da mulher é marcante no mundo da credence e é ela, numa maioria quase absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal” (Gomes & Pereira, 1989:16). As benzedoras costumam rezar mais sobre as crianças, principalmente nas situações mais comuns que as atingem: o “vento virado” (ou ventre virado) e o quebranto (ou quebrante, ou mau-olhado). Reconhece-se o vento virado quando a criança cai muito, quando não está comendo adequadamente. É uma “doença de neném, causada por susto. Manifesta-se em diarreia e encurtamento de uma perna”. Já o quebranto é reconhecido quando a criança está “enjoada, birrenta, com suas rotinas cotidianas alteradas”. A situação ocorre porque, segundo as benzedoras, alguém “colocou um olho ruim sobre a criança”. Esse alguém pode ser uma pessoa desconhecida ou algum parente, até mesmo os próprios pais. Quanto maior o grau de parentesco, pior é o quebranto. A solução é levar a criança para benzer, e para que a reza dê resultado é necessário que a benzeção seja feita três vezes. As palavras são pronunciadas em tom muito baixo, de forma sussurrada, o que nos impede de compreender o que é falado. Segundo as benzedoras, são orações destinadas ao anjo da guarda da criança, pois cada uma ao nascer tem um anjo que lhe protege por toda a vida. Além disso, as rezas são acompanhadas de muitos gestos: várias vezes faz-se o nome do Pai sobre a criança, e geralmente a benzedora tem em sua mão um terço católico ou folhas de alguma planta.

Geralmente, as benzedoras apelam para santos católicos que, segundo elas, também curam pela intercessão divina: Santa Luzia, Santa Iria, São Sebastião, São Brás, São Bento, Santo Antônio e muitos outros. Na benção de terreiros e lavouras, o pedido é feito para São Sebastião; para as feridas, a reza é para São Lázaro; para a dor de cabeça, ou para o soluço ou, ainda, para o engasgo, a fé é em São Brás; para a dor de dente, chama-se por Santa Apolônia; para proteger e/ou curar os animais, a oração é para São Francisco; para a azia, pede-se o socorro de Santa Sofia; para os endividados, o auxílio vem de Santa Edvirges e na hora do parto, a poderosa ajuda de Nossa Senhora do Bom Parto.

Algumas vezes, o santo curador conhece a doença por experiência própria. Santa Luzia, por exemplo, que perdeu a vista, é a santa que protege e cura os olhos; São Lourenço, que foi martirizado no fogo, cura as queimaduras; padre Frei Clemente, um santo não canonizado, morreu envenenado, e, assim como São Bento, é invocado contra a picada de cobra.

Muitos benzedores acreditam ainda no poder das ervas e das plantas medicinais e as utilizam durante a benção. Arruda, alecrim, guiné e mamona são as mais usadas no ritual de cura. A planta, conhecida popularmente como arruda, uma erva originária da Europa, de folhas verde-acinzentadas, é a mais utilizada e tem tanto o poder de curar as enfermidades, quanto o de proteção contra “mau olhado”. Para se proteger basta colocar um pequeno ramo atrás da orelha. Seus ramos são usados para exorcizar a energia negativa dos ambientes. Nas benções o ramo de arruda é usado para aspergir água no benzido, purificando-o através da derrota do mal (dor de cabeça, cisco no olho, mau-olhado)”(Gomes & Pereira, 1989:40). Segundo a crença popular, as folhas do ramo, que exalam um forte odor principalmente se maceradas, quando usadas para benzer ficam murchas porque recebem o malefício que estava no doente.

Algumas outras ervas e plantas medicinais são administradas em chás, garrafadas, xaropes, cheiros e defumações e, também, em banhos. Geralmente, as garrafadas são preparadas pelos raizeiros – um homem que procura e vende as raízes medicinais, muitas já conhecidas pelo povo.

Mas é bom lembrar que não só os raizeiros conhecem raízes, sementes e folhas. Todos conhecem e usam as plantas medicinais: quebra-pedra, boldo, carqueja, hortelã. Boldo e

carqueja servem para os males do fígado; a flor do assa-peixe é um bom depurativo do sangue; a arruda é usada para a limpeza do globo ocular; a macelinha, para os males do intestino; o romã, para a garganta inflamada; o capim santo, para a digestão e a erva cidreira e a erva doce, para acalmar. Estes são os exemplos mais comuns da medicina caseira de Minas Gerais. Especialmente, o conjunto das mulheres de uma rua ou de um bairro cultiva o conhecimento das plantas. Quando alguém adocece, as comadres conversam. Uma sabe o que é bom, outra sabe onde cresce e pode ser encontrada.

Muitas vezes, um mesmo remédio serve para diferentes males. Como a folha da goiabeira que “é um grande remédio para dores de barriga, dores intestinais, cólicas, empachamentos etc.” (Beltrão, 2001:191). Na nossa rica região do cerrado, podemos encontrar várias espécies de plantas com poder curativo, utilizadas amplamente em diferentes partes do Estado: ipê roxo, copaíba, sucupira, barbatimão. Alguns arbustos como o algodão do campo e algumas ervas como o melão de São Caetano e o cipó de São João também compõem os receituários da medicina popular mineira.

É impossível separar a planta medicinal do rito mágico-religioso. Os próprios benzedores benzem com as plantas e ensinam a utilidade de cada uma delas. Há muitas plantas com nomes religiosos: espinhela santa - neutraliza o ácido, por isso é boa contra úlcera no estômago e sumo do tronco da banana de São Tomé é usado contra cobreiro. Além disso, encontramos: malva-de-São Francisco, São Caetano, Santo Inácio, Vassourinha de Nossa Senhora, raiz-do-Espírito Santo e muitas outras.

Os benzedores se modernizam. O micróbio, por exemplo, já entrou na oração contra a dor de dente e o gelo na bêmção da carne quebrada. Além das plantas medicinais podem até sugerir algum remédio que conheceram na farmácia. O remédio que resolve problemas graves é chamado de “santo remédio”. Dizem também: “Deus querendo, até a água do pote é remédio”.

Mesmo quando sugere o uso de algum remédio, o benzedor jamais cobra pelo serviço prestado, senão “estaria fazendo negócio e não é ele mas Deus é que cura.” Essa fala é o pensamento comum entre os benzedores. Todos afirmam que “é Deus que cura, por isso não podemos cobrar.” Quem cobra é o médico. Eles dizem: “Deus cura e o médico manda a conta.” Alguns confessam que ganham presentes de pessoas que ficaram agradecidas com a

cura. Mas isso acontece de forma despretensiosa, não como um pagamento. O presente (agrado) representa uma troca e não uma venda, pois “o sagrado não é vendido, é trocado.” Muitos asseguram que se receberem dinheiro como pagamento podem até perder o dom, que é gratuito e vem de Deus. “Benzer é fazer o bem, por isso não se deve cobrar por nenhuma reza. Faça o bem, não importa a quem”, ensina a benzedeira Maria Cândida.

O ritual da Cura

Na crença popular, a benzeção, ou simplesmente a benção, é um ritual de cura. Há benzeções para doenças específicas e outras que servem para qualquer doença. De modo geral, antes da benção, coloca-se um copo com água no local onde se realiza o ritual e no final a pessoa benzida deve tomar essa água, considerada benta. Como a água benta que encontramos nas igrejas católicas. Os gestos praticados pelos benzedores são todos idênticos ao da religião católica: eles rezam fazendo o sinal da cruz. Suas rezas, na maioria das vezes, são deturpações das orações oficializadas pela igreja, entremeadas de palavras incompreensíveis. Enquanto estiver sendo benzido, o doente não deve cruzar os pés ou as mãos. Geralmente, a benzeção é feita mais de uma vez, dependendo do mal que se acomete. No caso de cobreiro, por exemplo, é preciso benzer até três vezes para que ele seque.

A quase totalidade das rezas veio de Portugal e foi aqui adotada e recriada. Às vezes, a mesma reza tem variações de um para outro local. Como as rezas para a cura do cobreiro, uma doença dolorosa da pele, marcada com manchas de bolhas coloridas. “São bolhas de pus que provocam muita coceira e podem cobrir o corpo todo e levar à morte”, explica o senhor Sebastião Oliveira, 67 anos, benzedor de Tapuiriama, um distrito de Uberlândia. Todos concordam que o cobreiro vem de algum animal peçonhento como a aranha, a lagartixa ou o sapo. Quando estes bichos passam em cima de uma roupa estendida no quintal podem largar o cobreiro.

Há diversas maneiras de curar a doença: uns fazem cruces com tição de fogo por cima do cobreiro, outros passam um ferro quente num pano que, por sua vez, é colocado quente no cobreiro, outros cozem ritualmente com agulha e pano. Todos fazem alguma benção com suas rezas e orações que, embora variadas, trazem sempre alguns traços de semelhança. Muitas delas falam da cabeça e do rabo das manchas de bolhas. Como neste

exemplo, colhido na zona rural: O que corto?/ Cocho, cochão; sapo, sapão; lagarto, lagartão;/ Todo bico de emanção para que não cresça,/ Não apareça, não ajunta o rabo com a cabeça./ Santa Iria tinha três filhas:/ Uma lavava, outra cosia e outra pela fonte ia./ Perguntou a Santa Maria: /Cobreiro bravo, com que curaria?/ Com um Padre Nosso e três Ave-Maria,/ Oferecidas às almas benditas, que me auxilie nesse momento.

Uma coisa os benzedores têm em comum: qualquer que seja a reza, ela deve ser feita sempre em direção ao sol. Muitos também utilizam o talo da mamona e a faca, que eles passam sobre as manchas, durante a benzeção.

Outra cura bastante procurada é para o mau jeito, ou carne quebrada, para usar a linguagem mais comum entre os benzedores. Trata-se de uma luxação, uma torcedura numa parte qualquer do corpo. Em todo o Brasil, benze-se cosendo com uma agulha e um novelo de linha. Os benzedores dizem: “coser de jeito”. O ritual acontece assim: o benzedor pergunta ao doente:/ que é que eu benzo? Resposta: carne quebrada, nervo rendido, osso partido. Repetem tudo três vezes.

Uma outra variante do ritual para coser carne quebrada. O benzedor, sempre benzendo em cruz, reza: “Cristo nasceu, Cristo ressuscitou/ emendai esta carne, este nervo,/ esse osso que aqui quebrou”.

Há vários outros males no mundo mágico das benzeções. A espinhela caída, para muitos, ou peito caído, peito aberto, ou ainda, arca caída, para outros, é causada, segundo a crença popular, pelo peso que a pessoa pega. As benzedoras trazem na ponta da língua a explicação do que seja a espinhela: é um ossinho mole que vem do coração, diz Tereza Gomes Rodrigues, benzedora da comunidade rural de Rio das Pedras. Todas concordam com os sintomas da doença: dor nas pernas, na região do tórax, nas costas e no estômago. A doença dá mais em adultos e a cura deve ser procurada na benzedora, que primeiro trata o vento caído, tomando a medida e rezando. Depois reza a oração própria da espinhela caída, colocando um objeto de ferro na mão da pessoa. A medida é feita assim: com uma linha de algodão mede do dedo anular até o cotovelo. Tomando este tamanho duas vezes passa o fio na cintura da pessoa. Se passar ou faltar um palmo, a espinhela está caída.

Também na Bahia, de acordo com José Evangelista de Souza (1989:57), para se saber se a espinhela está caída, “tira-se” a medida. Com um fio de algodão ou uma toalha, a

benzedeira mede da ponta do dedinho à ponta do cotovelo. Depois de um ombro ao outro. Se coincidirem as medidas, a espinhela está normal. Se não coincidirem, a espinhela está caída. Outras benzedoras medem o tamanho do braço em posição vertical para depois tirar a medida nos ombros. Após a “tomada” da medida, deve-se fazer uma oração três vezes seguidas: Jesus Cristo nasceu, espinguela caiu/ Jesus Cristo levantou, espinguela emborcou/ Jesus Cristo ressuscitou, espinguela de (fala-se o nome) levantou .

Há várias outras variantes da oração, conforme a região do benzedor. Téo Azevedo (1981:22), estudando plantas medicinais e benzeduras, nos conta, como a benzedeira Geralda Preta, da cidade de Bocaiúva, interior de Minas Gerais, faz a sua oração: Barquinho de Santa Maria tá no mundo sem parar/ levantando a sua espinhela, as suas arcas/ põe tudo em seu lugar/ sua espinhela, suas arcas a seus ventos.

Diferentemente das benzeções, são as simpatias. Enquanto as benzeções são restritas a algumas pessoas escolhidas na comunidade e ocorre de forma reservada, as simpatias se caracterizam por ser qualquer recurso material que pode ser usado pelas pessoas em geral, para evitar o mal e alcançar o bem, mudando o curso dos acontecimentos. O valor da benzeção reside exatamente na sua privacidade e no fato de transmitir-se entre os escolhidos, sendo pois privilégio de um pequeno número de iniciados. Já nas simpatias não há necessidade de uma pessoa especial (Gomes & Pereira, 1989:22).

Diversas doenças, principalmente aquelas próprias das crianças, são curadas com as simpatias que, como elemento menos racional, são mais difíceis de explicar e de entender. Para se ter uma idéia, o amuleto que muitos carregam é uma espécie de simpatia. A própria palavra simpatia já sugere uma coisa que não se explica. A palavra vem do grego e significa “sentir juntos o mesmo.” Embora a simpatia não se explique, o funcionamento dela supõe alguma relação íntima entre homens, animais, plantas e planetas.

Há simpatias de amor, de boa sorte, para ganhar no jogo. Há algumas que a pessoa envolvida não pode saber. Outras, a própria pessoa faz: para crescer o cabelo, para não secar, ou para secar, o leite materno. Muitas vezes aparecem em conjunto com remédios e rezas. E há simpatias de prevenção, por exemplo, para fechar o corpo. Na medicina popular, as simpatias servem para curar verrugas, asma, epilepsia, hemorróidas, soluço e diversos outros tipos de doenças, como a brotoeja ou brotoejo, uma doença infantil bastante

conhecida. Trata-se de uma erupção na pele da criança recém-nascida. Aqui em Uberlândia, sobretudo na zona rural, para tratar do brotoejo, coloca-se um pedaço de caco de telha no fogo até ficar vermelho e coloca na água de banho da criança. A simpatia é usada, também, para acabar com coqueluche. Para isto, basta na sexta feira santa fazer um cordão com talo de mamona e colocar no pescoço da criança, à medida que secam os talos, acaba a coqueluche, depois deve-se enterrá-los.

Com a simpatia cura-se também a bronquite. Basta, numa sexta-feira santa, levar a criança doente logo de manhã, bem cedinho, no curral. Levanta-se algum boi deitado e coloca a criança no mesmo lugar quentinho onde o boi deitou. Esse ritual deve ser seguido por três anos consecutivos.

Há outras situações bastante freqüentes e conhecidas. Para os bebês com soluço deve-se colocar um pedaço de papel ou fiapo de coberta molhado em saliva da própria mãe em sua testa e o soluço passará. Para as crianças que não falam no tempo esperado (a partir de 12 meses de idade), há várias soluções: tomar a água da primeira chuva de janeiro, tomar água na campainha (ou sineta) da igreja, pegar um ovo de galinha caipira, quebrar e servir para a criança, e dar água para beber, na casca do ovo, durante três sextas-feiras seguidas. Para a criança que não anda no primeiro ano de vida deve-se pegar uma rama de batata doce com a raiz, colocá-la no chão e dar três pequenos cortes, repetir por três sextas-feiras seguidas, na última plantar pela manhã ou ao meio dia, nunca à tarde ou noite, conforme ela crescerá a criança passa a andar. Se o que se quer é tirar medo de criança, o jeito é escolher três portas tomando a direção da rua, colocar a criança em baixo de seu umbral, varrer em torno da criança e dizer “que varre o medo da criança”, repetir a mesma situação nas duas últimas portas, até varrer o medo para a rua (Megale, 1999).

O prego é um instrumento bastante usado nas simpatias. O gesto mágico de bater um prego numa árvore para livrar de febre, dor de dente e hérnia, já existia na Europa antiga, pré-cristã e perdura até hoje. Conforme uma simpatia tradicional, para diminuir o umbigo grande da criança, a mãe deve bater um prego novo num cupim. Na medida em que o prego some, pela ação do cupim, o umbigo vai diminuindo.

As simpatias são usadas também para proteção: plantas como espada-de-São Jorge e guiné são usadas como simpatia e protegem moradias e locais de comércio de maus olhados

e outros fluidos maléficos. Na sabedoria popular, a cura implica num ritual: uma oração no sentido amplo, que não contradiz a simpatia, nem o remédio.

Mas não são apenas os humanos que podem usufruir das rezas e das benzeções. Os animais também são curados de seus males pelos benzedores. Como a bicheira, ferida causada por larvas da mosca verejeira. Quando um animal tem maus, isto é, o verme da bicheira, é possível curar no rastro. Basta passar um ramo verde sobre o rastro do animal. Outros cobrem o rastro com uma pedra. Também pode bater com uma pedra em três rastros do animal. Um “remédio” usado contra a bicheira é o pó de café. Mas, é claro, a força maior da cura está no poder da oração. Getúlio César (*apud* Seraine, 1978), estudando as crendices lá pelo nordeste, registra a seguinte reza: Maus que come, não se logra/ quem come e não reza, não se salva/ oficial de justiça não se salva, delegado não se salva,/ promotor não se salva, juiz de direito não se salva,/ E assim, caia de um a um, de dois em dois, de três em três, de quatro em quatro,/ de cinco em cinco, de seis em seis, de sete em sete,/ de oito em oito, de nove em nove, de dez em dez,/ de onze em onze, de doze em doze, de treze em treze,/ caia de um em um, não fique nenhum/ Amém.

Outras tantas rezas contra bicheira, bastante semelhantes, e algumas simplificadas, fazem parte da sabedoria popular. Como esta, registrada em Goiás e que deve ser repetida três vezes: Assim como o trabalho no dia de domingo não põe ninguém pra adiante,/ Será também os bichos desta bicheira/ Há de cair de nove a nove, de sete a sete, de cinco a cinco,/ De três em três, de um a um, até ficar nenhum (Lacerda, 1977).

Não é possível falar de todos os tratamentos populares. Em muitas doenças, as causas e os remédios são vários. A benção, juntamente com o remédio, tem como objetivo salvar o doente como um todo. Mesmo não separando vida e religião, ou o profano e o sagrado, essa gente sabe muito bem a diferença entre um remédio e uma oração. A reza, a simpatia e o remédio, que não se contradizem em momento algum, nem se separam no tratamento da pessoa doente; formam o sagrado, o sábio e o competente tripé da medicina popular. Eles fazem parte do agir coerente dessa gente simples e humilde que faz a benzeção em nosso país.

A gente que faz a cura

No pequeno distrito de Martinésia, o mais antigo da cidade de Uberlândia, berço das mais variadas tradições, vive dona Maria Januária, de 79 anos. Apesar de sozinha, ela nunca se sente solitária. Em sua casa modesta, sempre tem alguém em busca de uma benzeção. Eles vêm da vizinhança, das redondezas e mesmo da cidade e isso não tem dia nem hora para acontecer. Ela não pode determinar quando vai benzer porque “curar é dom de Deus e Deus não tem hora para fazer o bem, todo dia Deus está olhando por nós, sem dia e sem hora.” Dom significa doação. Aquele que recebe um dom deve dar-se, o que reflete na doação do trabalho (Araújo, 1977:154).

Dona Maria conta que ainda criança aprendeu a benzer com sua mãe. Tinha 12 anos. Depois da mãe, foi sua sogra quem lhe ensinou mais algumas rezas. E outras ela aprendeu em sonho, como as bênçãos para curar a dor de cabeça e cobreiro. “Quando conto isso, ninguém acredita”, ela já adianta.

Além de crianças e adultos, Maria Januária benze também fazendas e plantações para tirar cobras e lagartos. Ela conta que os fazendeiros a buscam em sua casa. Com o terço nas mãos, muita fé e algumas rezas, ela garante os resultados. Como a maioria dos benzedores, ela acredita que a cura vem de Deus. “Não sou eu que curo, é Jesus. É preciso ter muita fé, porque senão nada acontece.”

Também na casa de dona Dirce Aparecida Oliveira, benzedeira de Sobradinho, um povoado rural no município de Uberlândia, o movimento das pessoas à procura de benzeção é constante e, também, não tem hora. Ela cresceu vendo a sua avó e a sua mãe benzer crianças e adultos. Aos dezesseis anos, incentivada pela mãe, aprendeu as rezas e começou a benzer. Hoje, aos 78 anos ela recorda como iniciou na benzeção: “Eu aprendi com minha mãe, ela me ensinou as rezas e a gente foi fazendo e vendo fazer. No começo eu fazia e não acreditava, daí a gente foi vendo o poder que tinha.” Percebe-se que dona Dirce era cercada de uma estrutura para conhecer as práticas das benzeções. A partir daí não parou mais e até hoje benze muitas pessoas, crianças e adultos: quebranto, mau olhado, sapinho, cobreiro, engasgamentos e muitos outros incômodos. Para cada mal existe uma reza própria, mas todas devem ter o Pai Nosso e a Ave Maria. Para ser um bom benzedor, ela ensina, além do dom, do poder dado por Deus, é preciso ter muita fé e religiosidade. Deve-se rezar todo dia e crer muito em Deus.

Conhecido por Tónico, o benzedor Antônio Carlos Pereira, de 47 anos, que mora em Uberlândia, diz que tem muita fé no poder da natureza. “Meus bisavós eram índios e tinham o conhecimento das ervas”, ele conta. É por esta razão que ele usa muitas plantas em suas benzeções e faz questão de respeitar as matas como também o sol, a lua, a terra e o ar. “Deus é tudo isso”, ele diz, acrescentando que não benze depois do por do sol. Os finais de semana, sábados e domingos, são reservados para a cura dos animais. Nos demais dias atende as pessoas que o procuram, mas sempre de acordo com a disponibilidade de seus horários. Ele não tem todo o dia disponível, como dona Maria Januária e dona Dirce, porque tem compromissos com seu trabalho. Mas quando atende benze cobreiro, erisipela, quebranto, mau-olhado, espinhela caída e queimaduras.

O dom, que ele também garante ser divino, foi percebido pela mãe quando ele ainda era criança. Tradição de família, foi ela quem lhe ensinou os primeiros passos das benzeções. Mas ele só começou a benzer tempos depois, aos 20 anos, pois “para se chegar a ser um benzedor tem muito sofrimento, é preciso um crescimento espiritual. Benzeção é coisa sagrada, é uma missão. O conhecimento não pode ser passado para qualquer pessoa, é preciso ter uma permissão.” Tónico explica ainda que, depois de passar a teoria para o sucessor, é necessário aguardar sete meses pela permissão espiritual. Só depois pode-se começar a exercer o ofício de fé. Também é preciso fazer um juramento de guardar em segredo as palavras que curam. Ele acredita que “se essa promessa for quebrada, a vida da pessoa fica embarçada.” Em cada tipo de benzeção há uma reza diferente: uma Ave Maria, um Pai Nosso e, ainda, algumas palavras que são segredo. Por isso, ele reza as orações em tom quase imperceptível.

Diferente de Tónico, e não tão supersticioso quanto ele, o benzedor Aldoresti José Rosa reza sempre em voz alta. Aldoresti tem dias programados para o atendimento. Também tem um local próprio. Ele reza sempre frente a um altar, onde estão várias imagens de santos.

Nas falas dos benzedores podemos perceber que a rede de significados que perpassa pelas concepções e práticas de cura é tecida por múltiplos fatores que vão além da relação corpo/saúde/doença, abrangendo a relação dos benzedores com o espaço e o tempo, juntamente com suas crenças e cosmovisões. Mais do que relatos de vida, o que temos em nossas mãos são os seus sentimentos, suas angústias, seus desejos e sonhos. Embutido a

tudo isso estão as influências do meio em que vivem e das demais pessoas que com eles interagem, direta ou indiretamente: familiares, amigos, vizinhos e as pessoas que buscam e esperam ajuda.

Para muitos benzedores, a tradição da benzeção está correndo o risco de acabar. A verdade é que hoje, já não é tão fácil encontrar benzedores, que geralmente vivem nos povoados rurais. Eles são pessoas de vida exemplar, servindo de referência para os moradores do lugar. Maria Januária diz que a benzeção está acabando porque as pessoas estão perdendo a fé. Dirce Aparecida acha que o dom de fazer o bem através da reza não está sendo repassado para outras pessoas. Para ela, não há interesse, nem de familiares nem de amigos, para aprender as rezas e os rituais das benzeções. Antônio Carlos Pereira, o Tônico, acha que os benzedores não estão encontrando os sucessores certos. O teólogo e historiador, José Lucindo Pinheiro, acredita que a tradição dos benzedores está acabando em função do avanço tecnológico que está sendo empregado sobretudo na medicina. “Está prevalecendo mais a mentalidade comercial. As pessoas hoje acreditam mais na medicina do que no benzedor.” Ele acrescenta ainda que cada pessoa, conforme a sua crença, procura aqueles que manifestam o dom que receberam, embora possa recorrer a Deus diretamente. “O homem é tão sensível que precisa de um sinal externo que confirme o seu contato com Deus e o benzedor é que lhe dá essa crença.”

A benzeção é a mais viva forma da cultura nascida do povo e praticada pelo povo. O povo guarda as suas cantigas, seus remédios, suas preces, suas devoções, seus rituais de trabalho, enquanto tiverem algum sentido na vida deles. Os benzedores tratam seus doentes com rezas, simpatias e remédios que não se contradizem em nenhum momento. Eles transmitem uma grande paz e pelejam com o doente. Diante do tratamento dado pelos benzedores, é fácil enxergar que eles representam valores. Para nós, é impossível imitar suas rezas, simpatias e benzeções. Tudo isso está perfeitamente adaptado à vida dos benzedores e à dos seus doentes, mas muito diferente da nossa vida. É preciso tentar entender as suas histórias e suas realidades, seu modo de pensar, a partir dele próprio, da sua visão de mundo, que é bem diferente da nossa. É grande a diferença entre o oficial e o popular, desde o lugar do tratamento, os nomes dados aos membros do corpo até a própria interpretação da doença e, conseqüentemente, à prática dos benzedores. “Não podemos, portanto, continuar a ignorar o pensamento da metade da população brasileira, se quisermos

efetivamente corresponder à expectativa da cultura e da civilização do nosso tempo” (Beltrão, 2001:256).

Apesar dos meios de comunicação de massa não darem visibilidade para essa manifestação popular, a fé e a devoção percorrem décadas com a repercussão oral das graças alcançadas. Os benzedores, em suas múltiplas funções na vasta e rica cultura popular, mostram a sua resistência diante da cultura dominante dos meios de comunicação e das religiões oficiais que os discriminam.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina rústica*. 2ª ed. São Paulo, Nacional/ Brasília, INL, 1977.

AZEVEDO, Téo. *Plantas medicinais e benzeduras*. São Paulo, Top-livros, 1981.

_____. *Plantas medicinais, benzeduras e simpatias*. São Paulo, Global, 1984.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.

_____. *Antologia do folclore Brasileiro*. 3ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

_____. *Dicionário do folclore Brasileiro*. 5ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.

GOMES, N. P. de M. & PEREIRA, E. A. *Assim se benze em Minas Gerais*. Juiz de Fora, Mazza/EDUFJF, 1989.

LACERDA, Regina. *Vila Boa – História e folclore*. Goiânia, Oriente, 1977.

MEGALE, Nilza B. *Folclore Brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1999.

NEGRÃO, Walter e outros. *Rezas, benzeduras, simpatias*. São Paulo, Ed. Três, s/d.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de . *O que é benzeção*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.

POEL, Francisco Van Der (Frei). *Com Deus me deito, com Deus me levanto*. 6ª ed. São Paulo, Paulinas, 1978.

SERAINÉ, Florival. *Folclore brasileiro/Ceará*. Rio de Janeiro, MEC, 1978.

SOUZA, José Evangelista. *Raízes e Histórias*. Vol. I. Petrópolis, Vozes, 1989.